

Dossiê – Metodologias de Pesquisa em Psicanálise: Caminhos, Paradoxos e Impasses.

Pesquisa psicanalítica e serendipidade: o relance

Bruno Vasconcelos¹

Marta Regina de Leão D'Agord²

Resumo

Este trabalho busca debater o tema das metodologias no campo de pesquisa em Psicanálise a partir da serendipidade, termo que significa o encontro com um bem que não se procurava e que pode ser elevado a um método de pesquisa. Isso ocorre devido à temporalidade específica do trabalho em Psicanálise, ao qual só é atribuído um sentido em um momento posterior. A importância da temporalidade no só-depois ou no relance (em alemão *Nachträglichkeit*, e em francês *après-coup*) supõe a retroação de sentido para um evento. Além disso, as diferentes teorizações do inconsciente requerem uma epistemologia própria para abordá-lo como objeto de pesquisa, pois é necessário levar em consideração que não é possível uma hipótese predefinida, visto que o inconsciente é aquilo que escapa ao saber. Sendo assim, somente poderá ser considerado por meio de seus efeitos, como os atos falhos, chistes e sintomas. Nosso trabalho aproxima a serendipidade do papel relevante dos acasos, como Thomas Kuhn mostrou em sua pesquisa sobre a história das ciências. Por fim, resgatamos a etimologia de metodologia com a intenção de ressaltar o caráter de percurso que ocorre na construção de um saber por meio da prática de pesquisa.

Palavras-chave: Serendipidade, Psicanálise, Metodologia.

1 Psicólogo. Mestrando no Programa de Pós-Graduação Psicanálise: Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana - IPSSCH da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Rio Grande do Sul, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9739-7029> E-mail de contato: vasconcelosbruno451@gmail.com Instagram: @vasconcelos.psico

2 Psicóloga. Doutora em Psicologia. Professora do Programa de Pós-Graduação Psicanálise: Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana - IPSSCH da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Rio Grande do Sul, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0379-5323> E-mail de contato: marta.dagord@ufrgs.br Instagram: @martadagord

Introdução

O campo de pesquisa psicanalítica difere radicalmente da previsibilidade, controle e reprodutibilidade dos dados. O filósofo da ciência Thomas Kuhn (2003) cunhou o termo ciência normal para se referir a essa forma de pesquisa assentada nas realizações anteriores e com um corpo teórico, reconhecido por uma comunidade de cientistas, como fundamento a ser aplicado.

Nas pesquisas psicanalíticas, o saber é marcado pelo inconsciente, que requer uma forma de escuta e reconhecimento do que movimenta qualquer investigação. Essa diferença ocorre porque esse campo de estudo requer outras construções metodológicas, dado que o controle de variáveis ou a descrição de um objeto de pesquisa não é possível, pois as manifestações do inconsciente aparecem apenas nos seus efeitos, como os sintomas, chistes ou atos falhos. Mesmo assim, será preciso aguardar a sucessão de lances (atos, associações) para que outros encadeamentos de sentido possam ser considerados.

Dessa maneira, a noção de serendipidade, elevada a método de pesquisa, surge como um operador conceitual potente para pensar os modos de produção de conhecimento. Historicamente, o termo serendipidade advém da literatura (Merriam-Webster, 2025), em especial, no conto *Three princes of serendip*, cujos protagonistas faziam acidentalmente descobertas valiosas, não como resultado de uma busca direta, mas sim por estarem abertos aos diferentes caminhos que surgiam. A palavra passou a integrar a cultura anglo-saxã, significando o encontro casual de algo com valor. Como nos descreve Gonçalves (2009),

O uso da palavra *serendipity* apareceu pela primeira vez em 28 de janeiro de 1754, em uma carta de Horace Walpole (filho do ministro, antiquário e escritor Robert Walpole, autor do romance gótico *The Castle of Otranto*). Na carta, Horace Walpole conta ao seu amigo Horace Mann como tinha encontrado por acaso uma valiosa pintura antiga, complementando: “Esta descoberta é quase daquele tipo a que chamarei serendipidade, uma palavra muito expressiva, a qual, como não tenho nada de melhor para lhe dizer, vou passar a explicar. Uma vez li um romance bastante apalermado, chamado *Os três príncipes de Serendip*: enquanto suas altezas viajavam, estavam sempre a fazer descobertas, por acaso e sem sagacidade, de coisas que não estavam a procurar” (p. 7).

Apesar da proximidade com o termo sorte, é central a noção de descoberta acidental de algo agradável que não se buscava diretamente quando falamos em serendipidade, logo, serendipidade tem um significado mais restrito que sorte ou acaso (Merriam-Webster, 2025). Esse traço do encontro com algo que não foi conscientemente procurado se mostra muito importante no contexto da pesquisa psicanalítica, já que é por meio dele que uma aproximação com o inconsciente nos é possível.

Caon (1997) propôs pensar a serendipidade como metodologia de pesquisa para Psicanálise quando encontrou o termo em manuais de metodologia, nos quais era usado para se referir àquelas situações em que um pesquisador faz uma descoberta casual. Essa palavra carrega consigo a noção de que “costumamos encontrar mais do que pensamos” – frase utilizada de diferentes formas por Sigmund Freud em três ocasiões, todas elas ao abordar o tema da pesquisa psicanalítica (Caon, 1997). Portanto, podemos pensar que essa abertura ao

acaso e aos detalhes na prática de pesquisa já estava presente desde Freud e foi fundamental na invenção do método psicanalítico. Vale acentuar que o acaso não é suficiente, mas a atitude de abertura ao acaso.

Outro aspecto é a noção de descoberta. D'Agord (1995) problematiza a noção de descoberta, uma vez que estaria relacionada a levantar o véu de uma verdade já estabelecida. Ademais, ressalta a importância da invenção na prática de pesquisa, dando como exemplo a conceitualização dos fenômenos inconscientes feita por Freud, que criou um sistema para explicá-los com sua teoria, assim como formulou técnicas para tratamento.

Nessa mesma linha, o próprio Freud não se posicionava como descobridor do inconsciente. Ao abordar a produção de artistas, nesse caso os delírios e sonhos na obra *Gradiva*, de Wilhelm Jensen, ele afirmava que “provavelmente bebemos da mesma fonte, trabalhamos o mesmo objeto, cada um com outro método, e a coincidência do resultado parece garantir que ambos trabalharam corretamente” (Freud, 1907/2015, p. 80). Dessa maneira, seu papel foi justamente o da construção de um método cuja epistemologia estivesse de acordo com o que seria necessário para estudar o inconsciente. Há aqui uma aproximação da prática da ciência com a noção de invenção, em contraponto à descoberta.

É justamente nesse trabalho de invenção que consiste o trabalho de pesquisa, principalmente em Psicanálise. A frase de Freud aponta, nesse sentido, que o inconsciente não consiste em uma descoberta, mas sim em um conceito que fez com que fosse necessária uma reformulação da epistemologia e do sujeito da ciência. Caon (1997) segue essa proposta ao ressaltar o caráter de invenção da escuta psicanalítica:

A descoberta casual é sempre surpreendente. Entretanto, ela é muito mais surpreendente quando é identificada, não no ato de descoberta, mas num momento sucedâneo, que pode ocorrer imediatamente ou muito tempo depois. A escuta psicanalítica é uma dessas descobertas que, somente depois de muito tempo e de forma lentamente construtiva, pôde ser identificada. Ora, a escuta psicanalítica não é apenas uma descoberta. Ela é precipuamente uma invenção (p. 3).

A serendipidade, nesse contexto, não é o achado fortuito de uma verdade já existente, mas a criação de um saber novo a partir do envolvimento subjetivo com os encontros de um processo de pesquisa. Portanto, o pesquisador não apenas descobre, mas também inventa, a partir daquilo que encontra, escuta e relança em sua escrita. Como propõe Caon (1997), trata-se de uma invenção que ocorre no estado de deriva – estado que se assemelha ao espaço analítico e que exige do pesquisador disposição para se perder, escutar o que não se espera e acolher o que for encontrado pelo caminho.

Dessa forma, o método da serendipidade se mostra muito relevante quando fazemos uma pesquisa psicanalítica ou buscamos escutar o inconsciente, dado que, em Psicanálise, a prática e a pesquisa andam juntas, como aponta Freud (1911/2010) em sua célebre frase: “Um dos méritos que a Psicanálise reivindica para si é o fato de nela coincidirem pesquisa e tratamento” (p. 153). Ademais, o inconsciente não pode ser analisado ou pensado de forma intencional, na medida em que só aparece nos lapsos, sonhos e atos falhos que ocorrem, sem ser possível antecipá-los. Todavia, isso não significa que devemos abandonar seu estudo/análise, pois, por meio do método da atenção equiflutuante, podemos adotar uma atitude

semelhante ao dos príncipes descritos por Walpole, isto é, intencionalmente se colocar à disposição do não intencional, do acaso.

Assim, é possível não fechar o caminho para uma escuta atenta às manifestações do inconsciente que ocorrem em um processo de análise. Além disso, como argumenta Freud (1901/2021) em *Psicopatologia da vida cotidiana*, as manifestações do inconsciente não ocorrem somente no *setting* analítico ou em contextos relacionados às psicopatologias, estando também presentes no dia a dia na forma dos sonhos, lapsos de fala, de escrita, no esquecimento de nomes próprios, entre outras. Partindo disso, por que não pensarmos nos atravessamentos inconscientes que ocorrem no processo de uma pesquisa científica? Nos detalhes que capturam o sujeito pesquisador, agem sob sua produção e que não poderiam ser antecipados em uma descrição metodológica feita *a priori*?

Além disso, Freud atribuiu grande importância aos detalhes que julgamos serem pequenos, ou até irrelevantes, e incorpora esse preceito, na sua análise da escultura de Moisés, de Michelangelo. Antes dele, vários críticos de arte se propuseram a analisar a obra do artista renascentista, todavia o psicanalista ficou intrigado com a diversidade de interpretações dos autores. Ponderou que as interpretações haviam negligenciado certos detalhes. Por isso, propõe um caminho inverso: parte de detalhes que encontra ao contemplar a obra. Ademais, toma como exemplo um avaliador de obras falsificadas, cujo método consistia justamente na atenção aos detalhes, nos quais era possível encontrar algum traço estilístico do artista que não era fielmente reproduzido (Freud, 1914/2012).

Podemos aproximar essa importância dada ao detalhe à atenção equiflutuante, por parte do analista, e à associação livre, por parte do analisante. Por meio da associação livre, detalhes “aleatórios” são somados ao discurso e, no seu encontro com a escuta, muitas vezes ganham mais importância do que se pensava inicialmente. Nesse ponto, a abertura metodológica proporcionada pela adoção intencional da atitude de serendipidade, se já contribui para nossa prática de escuta, poderá contribuir também para a pesquisa?

Serendipidade e invenção

No prefácio a *Um defeito de cor*, Gonçalves (2009) afirma que sua obra foi fruto da serendipidade. Para explicar isso, ela conta que tudo começou com um livro que encontrou em uma livraria, no qual Jorge Amado fez um convite para conhecer a Bahia. Após ter sido tocada por isso, a autora visita o estado e a cidade de Salvador, onde teve muitos outros encontros significativos para sua escrita. Logo, é interessante como a história da construção de um texto tão extenso como o desse livro iniciou-se por acaso, com um pequeno encontro em uma livraria.

A serendipidade também pode ser uma orientação metodológica quando trabalhamos com materiais maleáveis como na prática de cerâmica? Como integrante de uma oficina terapêutica de cerâmica, um dos autores do presente trabalho percebeu que a argila não é uma matéria passiva a ser moldada segundo a vontade do artista, mas sim um corpo com o qual se estabelece um diálogo. Como afirmou um instrutor: “a argila te diz o que é possível fazer com ela”. Há, portanto, uma escuta do que se torna possível naquilo que acontece no

contato entre a intenção do escultor e a resistência do barro. Por vezes, a argila está úmida demais ou seca demais e desafia a imposição das formas antecipadas.

Esse processo é parecido também com o de encontrar imagens observando as nuvens: não se procura reconhecer uma forma específica, na errância pelo céu diversas formas vão sendo percebidas aleatoriamente, de certa forma, no encontro entre o imaginário e os traços das nuvens. Porém, para vê-las, é preciso olhar para cima e deixar-se surpreender. Aqui, novamente, nota-se a importância de uma atitude intencional que acolhe o acaso e aquilo que escapa, dando espaço para a possibilidade do encontro fortuito.

Até Walpole criar o termo *serendipidade*, havia o uso do termo *sorte* (acaso, casualidade), o que nos faz pensar justamente na inversão que o autor cria com sua proposta, pois, no uso do termo *serendipidade*, há uma posição ativa no processo de descoberta casual, o que é o diferencial dos príncipes de *Serendip*, e que acaba por se mostrar como uma possibilidade de direção no campo de pesquisa. Como nos indica uma revisão mais crítica da história das ciências: “Uma característica comum a várias descobertas registradas pela história das ciências é que o fato novo ou acontecimento acidental só se transformou em descoberta quando o inventor desconhecido percebeu sua significação” (D'Agord, 1995, p. 1).

Um exemplo dessa trama seria a invenção do conceito de *Transferência*, cujo fenômeno que serviu de base só se desdobrou em algo relevante mediante a atenção dada a um detalhe do tratamento. Partindo da experiência de Breuer, foi formulado o mecanismo da transferência; todavia, ele foi criado por Freud ao se propor escutar algo nos relatos do primeiro, haja vista que,

Apesar de haver solucionado vários sintomas da paciente Anna O., com base no método catártico, Breuer não foi capaz de identificar o fenômeno transferencial de que foi alvo. Enquanto Freud, mais tarde pôde compreender esse fenômeno e atribuir o amor dedicado ao analista pelas pacientes não como decorrência de algum atrativo que ele tivesse, mas em função de um fenômeno na relação entre paciente e analista que ele denominou transferência (D'Agord, 1995, p. 4).

Uma aproximação entre ciência e criação também foi proposta por Andréa Vieira Zanella (2013), para quem o processo de invenção é indissociável do fazer científico porque: Ciência, portanto, também é arte, já que ao compreender/explicar a vida, o pesquisador a reinventa através das teorizações produzidas e tecnologias que desta derivam. Teorias e tecnologias são, pois, ferramentas que, divulgadas e apropriadas por diferentes pessoas, em contextos e condições diversas, transfiguram os olhares sob a própria realidade. Mas essas ferramentas não somente transformam, elas *instituem* modos de vida e conotam a existência humana como inexoravelmente mediada por conhecimentos, valores, crenças, enfim, pela cultura da qual se é parte/participa e os signos que as caracterizam e conotam como um determinado modo de produção a balizar as relações com outros, próximos e distantes, bem como as relações de cada pessoa consigo mesma (p. 49).

Lacan (1986/1988), por sua vez, afirma que todo objeto conhecido é, paradoxalmente, reencontrado. A fim de aprofundar essa ideia, ele recorre a um artista: “Vocês não podem absolutamente deixar de ver na célebre frase de Picasso, *Eu não procuro, acho*, que é o

achar, o trovar dos trovadores e dos troveiros, de todas as retóricas, que toma a dianteira do procurar” (p. 145).

Nesse cenário, a novidade surge das infinitas possibilidades de relação que ocorrem a partir dos achados recolhidos. Logo, o inusitado passa a ser efeito da composição de bricolagens inovadoras decorrentes tanto de uma intenção inicial quanto do deixar-se surpreender com os encontros inesperados que surgem em um percurso (Zanella, 2013).

Assim, a serendipidade como método não deve ser vista como uma rendição ao acaso, mas como a construção de uma posição ética e epistemológica: trata-se de uma aposta no desejo, na escuta e no que pode surgir de uma deriva sem um mapa preestabelecido. Processo esse a que Freud, na sua prática clínica, sente necessidade de aderir e acaba formulando a regra da atenção equiflutuante, modificando a escuta mais intencional e desbravadora que tinha até então. Como descrito por D'Agord (1995),

Aos poucos Freud foi diminuindo sua insistência para que o paciente se recordasse, fosse através da pressão na cabeça ou através de perguntas ao paciente. Ele descobriu que não ganhava muito interrompendo o fluxo de associações do paciente, era preferível escutar todos os mínimos detalhes das histórias que estes lhe contavam, pois era na atenção aos detalhes que ele acabava por encontrar o que buscava. Ouvir, sem saber para onde o levariam as associações do paciente, tornava-se uma via fundamental para o conhecimento do inconsciente (p. 5).

Ao abordar o tema do esforço empregado por um analista para manter em mente os detalhes, datas e outras informações consideradas importantes em um tratamento, Freud, considerando o tamanho do trabalho que isso acarreta para cada análise, afirma que o que possibilita esse empreendimento é a atenção equiflutuante. O trabalho diminui consideravelmente ao retirar o analista da posição de dono do saber que o aplicaria sobre um conjunto de dados de um caso. Assim, inventa a atenção equiflutuante, ou uniformemente flutuante, como utilizado por Laplanche e Pontalis (2001), da seguinte maneira, que se assemelha à posição ativa da serendipidade:

... essa técnica é bem simples. Ela rejeita qualquer expediente, como veremos, mesmo o de tomar notas, e consiste apenas em não querer notar nada em especial, e oferecer a tudo o que se ouve a mesma “atenção flutuante”, segundo a expressão que usei. Assim evitamos uma fadiga da atenção, que certamente não poderíamos manter por muitas horas ao dia, e escapamos a um perigo que é inseparável do exercício da atenção proposital. Pois, ao intensificar deliberadamente a atenção, começamos também a selecionar em meio ao material que se apresenta; fixamos com particular agudeza um ponto, eliminando assim outro, e nessa escolha seguimos nossas expectativas ou inclinações. Justamente isso não podemos fazer; seguindo nossas expectativas, correremos o perigo de nunca achar senão o que já sabemos; seguindo nossas inclinações, com certeza falsearemos o que é possível perceber. Não devemos esquecer que em geral escutamos coisas cujo significado será conhecido apenas posteriormente (Freud, 1911/2010, pp. 148-149).

Nesse sentido, esse seria o modelo ideal de como o analista deve escutar o analisando: sem privilegiar *a priori* qualquer elemento do discurso dele, deixando funcionar

o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente. Por outro lado, para essa recomendação técnica se fazer valer, é necessária a correspondência da associação livre por parte do analisando (Laplanche & Pontalis, 2001). Outro ponto importante que fundamenta a atenção flutuante e, assim sendo, a atitude serendíptica no campo da pesquisa psicanalítica, pode ser pensado a partir do seguinte:

. . . as estruturas inconscientes, tais como Freud as descreveu, surgem através de múltiplas deformações; por exemplo, essa “transmutação de todos os valores psíquicos” que redundam em que se dissimulem muitas vezes, por detrás dos elementos aparentemente mais insignificantes, os mais importantes pensamentos inconscientes. A atenção flutuante é assim a única atitude objetiva, enquanto adaptada a um objeto essencialmente deformado (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 63).

Isso posto, parece ser o suficiente para afirmar que o método serendípico se adequa epistemologicamente ao campo de pesquisa em Psicanálise, algo que é necessário quando fundamentamos nossa metodologia neste ou naquele pressuposto, uma vez que o método é escolhido para ser apropriado tendo em vista as características do problema de pesquisa (Fachin, 2006). Porém, isso não implica na produção de um saber que possa se fazer totalitário, dado que, “como o próprio Freud indicou a propósito da associação livre, a suspensão das ‘representações-metas’ conscientes só pode ter como efeito a sua substituição por ‘representações’ inconscientes” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 63). Esse problema situa então a atenção equiflutuante como uma regra ideal, todavia é possível de ser mitigado pela análise pessoal (Laplanche & Pontalis, 2001), daí essa ser uma das exigências para aqueles que praticam a Psicanálise. No âmbito acadêmico, também podemos pensar na prática de orientação como um dos atenuantes dos vieses de pesquisa.

Da temporalidade na pesquisa, o relance

Logo, podemos afirmar que a pesquisa psicanalítica não se desenvolve de forma linear, mas por desdobramentos inesperados – seja a partir de uma leitura recomendada, seja por algo escutado fora da universidade, em um momento não planejado. Não apenas as pesquisas psicanalíticas, como também o desenvolvimento das ciências, em geral, destoa de um progresso linear. Kuhn (2003) nos aponta isso com o conceito de revoluções científicas, dando espaço para uma história das ciências na qual os conflitos e incongruências teóricas que ocorreram recebem valor como pontos de tensão que fizeram muitas pesquisas avançarem.

Os encontros que marcam uma pesquisa são perpassados por *kairós* e só se tornam significativos se o pesquisador estiver disponível ao que se produz “no relance”, uma tradução do *après-coup* francês e do *Nachträglichkeit* alemão. O acontecimento inaugural – ou a anomalia (para Thomas Kuhn), como veremos adiante – só ganha esse caráter em um segundo tempo, quando se retoma seu conteúdo e um sentido é construído.

Construir tem aqui a mesma noção que Freud (1937/2018) utiliza em *Construções em análise*. Para o autor, as construções se referem a tentativas de dar uma explicação para os processos psíquicos, todavia sempre deixam um resto não elaborado. Nesse sentido, destaca-se a ideia de que o sujeito não pode ser reduzido ou explicado por uma construção. Por fim, se

um psicanalista, mesmo assim, não desiste de lançar suas construções, é pela aposta de que isso poderá ter algum efeito no analisando. Podemos pensar que o mesmo ocorre com um pesquisador ao construir suas hipóteses e que a ciência, mesmo que mude seus paradigmas, não perde seu valor por não fornecer respostas inquestionáveis para as nossas perguntas.

Já o termo *Kairós* vem do grego e é uma das palavras utilizadas para se referir ao tempo. É um contraponto ao *Kronos*, cujo sentido é o tempo de duração, derivando daí a noção de tempo cronológico/medido, como no cronômetro (Barth, 2005). *Kairós*, por sua vez, é frequentemente traduzido como “tempo oportuno”, o momento propício que demanda uma ação, atenção ou acolhimento de uma oportunidade casual. Desse modo, está intimamente ligado à ideia de oportunidade (Barth, 2005), colocando em primeiro plano o tempo como acontecimento e potência. Portanto, trata-se de uma noção de tempo qualitativo e que facilmente escapa, se o sujeito o permite. É justamente por essa característica de *Kairós*, de só ganhar seu valor após um ato, que proponho sua aproximação com a noção psicanalítica de *après-coup*.

No artigo *Do desencontro como método*, as pesquisadoras argumentam que o método, em toda pesquisa que envolve o campo da experiência, não está dado *a priori*, mas surge como efeito do ato de recorte do objeto de pesquisa (Simoni & Rickes, 2008). Nas palavras das autoras,

O gesto que rasga esta superfície deixa em nossas mãos o objeto de nosso trabalho e faz restar ao chão o método que sustentou aquele recorte. Tal como quando, ao fazermos a tesoura avançar sobre um papel, vemos a forma que tentamos empreender duplicada. Como borda da plenitude da folha que seguramos e borda do vazio que se desenha nos restos da folha que caem ao chão (p. 2).

Sendo assim, as autoras operam um resgate da etimologia da palavra método, visto que, na derivação do grego, a palavra método vem da junção de duas palavras, o prefixo *metá*, que exprime a ideia de mudança, com, entre, depois ou além, com *hódos*, cujo sentido remete a caminho ou viagem (Barth, 2005). Assim, seguindo esse rastro, é possível fundamentar uma ideia de método que consiste em pensá-lo como o próprio trajeto percorrido por uma pesquisa, o que só pode ser dito após se ter percorrido uma trajetória; em outras palavras, após a operação dos cortes da tesoura.

Fachin (2006), em *Fundamentos de metodologia*, dedica um parágrafo à diferenciação entre metodologia e técnica, dado que, na sua visão, as técnicas estão mais ligadas com um modo de realizar uma atividade, enquanto o método consistiria em um plano de ação. O papel da técnica, nesse caso, é operacionalizar um método. Na pesquisa psicanalítica, técnica e método conversam permanentemente:

O inconsciente como alteridade constitutiva traz repercussões que transpõem em muito os limites da Psicanálise e da clínica psicanalítica. Sua presença enseja a circulação, na produção de saberes e conhecimentos, de uma temporalidade diversa da que a cronologia nos habituou a dar lugar. Leva-nos a entrar em um veículo onde ao invés de um pára-brisa transparente estamos diante de um vidro espelhado: significamos nosso trajeto a partir dos rastros que deixamos em nosso percurso. Estamos mergulhados no a posteriori freudiano. As memórias do passado, narradas

no presente, são ressignificadas pelo tecido textual no qual emergem, delatando um mecanismo de retroação na produção do sentido que vai do hoje ao ontem. Assim, a possibilidade de verificar o significado do que se escutou, ou ainda, os efeitos que uma intervenção teve é, em grande parte, resultado dessa particular temporalidade que a Psicanálise revela (Simoni & Rickes, 2008, p. 4).

Destarte, na produção de uma pesquisa, é necessário, em uma linguagem mais metafórica, se colocar em movimento de tal forma a explorar um percurso. As conclusões, ou o destino, para seguir com o imaginário do pesquisador/viajante que proponho, só podem surgir nesse segundo tempo, ou ameaçam a pesquisa com seu viés. Por isso, “. . . se ao analista é pedido que escute sem nada privilegiar é por que a psicanálise aposta no fato de que é num tempo só-depois – *nachträglich* – que as coisas podem ganhar significação” (Simoni & Rickes, 2008, p. 4), afirmação essa que é válida não apenas para o contexto clínico como também para a práxis da ciência.

Destaca-se aqui a característica de produção, como vimos antes, haja vista que o relance não é o que opera após retirar o véu que cobria um objeto já existente, mas sim o trabalho de invenção, na medida em que um novo sentido é gerado para o conjunto na retroação de um traço sobre outro (Simoni & Rickes, 2008, p. 5). Dessa forma, podemos caracterizar a serendipidade como tendo uma temporalidade marcada por dois momentos, sendo eles o do encontro e o da invenção. Sendo assim, podemos traçar o parentesco profundo entre a clínica e a pesquisa, ambas perpassadas por um tempo que não se mede em horas, mas marca passagem pelo que se produz entre os encontros e desencontros.

A “ciência normal”

Thomas Kuhn marcou o campo da epistemologia das ciências com o ensaio *A estrutura das revoluções científicas*. Para o autor, o processo de transmissão da práxis dos cientistas implica a aceitação de concepções que ficam implícitas na teoria devido ao caráter pedagógico do processo de formação profissional de um pesquisador. Apesar de reconhecer sua função pragmática, ele critica a narrativa linear do desenvolvimento da ciência nos manuais universitários (Kuhn, 2003).

Bachrach (1975), no mesmo manual citado por Caon (1997), escreve a introdução de seu livro contando um caso de *serendipity* na ciência, a fim de abordar o assunto das descobertas acidentais e da miopia de hipóteses geradas por ideias preconcebidas. Em seguida, o autor afirma que não raramente as pesquisas iniciam a partir de acidentes, dando como exemplo o mofo que ocorreu em uma cultura de bactérias que Sir Alexandre Fleming estava estudando e que levou ao surgimento da penicilina (Bachrach, 1975). Como ele destaca, a posição ativa do cientista foi aqui fundamental, uma vez que poderia ter descartado a colônia de bactérias que estava estudando devido ao mofo. Ademais, também concordamos que no processo de publicação de uma pesquisa, em geral, “. . . o cuidadoso sempre aparece impresso, mas raramente isto ocorre com o casual” (p. 8).

Kuhn (2003) argumenta que o processo histórico da formação de um campo de saber não se dá pelo acúmulo gradual de conhecimentos, mas sim envolve o encontro de anomalias

que desafiam as teorias, momentos de crises de paradigmas e, por fim, as revoluções científicas que culminam na invenção de um novo paradigma. Um paradigma é um produto teórico advindo de realizações científicas reconhecidas e que se tornam modelo de problemas de pesquisa e formas de solução para uma comunidade (p. 13). Logo, nessa concepção crítica de história da ciência, mesmo que tenha como base o campo das ciências naturais, sustenta que a produção do conhecimento não ocorre de forma linear, pois “Um elemento aparentemente arbitrário, composto de acidentes pessoais e históricos, é sempre um ingrediente formador das crenças esposadas por uma comunidade científica específica numa determinada época” (p. 23).

A questão fica ainda mais complexa quando adentramos o campo dos estudos sobre clínica e cultura fundamentados na Psicanálise, dado que seus “resultados” não buscam construir técnicas universalmente aplicáveis. De certa forma, podemos perceber uma subversão da visão mais tradicional do progresso da ciência, posto que o estudo de determinado tema não culminará em uma lei universal. Há aqui uma forte relação dialética entre o que ocorre no singular, o famoso caso a caso, com as generalizações e apontamentos advindos das teorias psicanalíticas. Ademais, em diversos textos podemos notar que Freud foi cuidadoso para não encerrar os debates sobre seus temas de pesquisa, uma vez que enfatiza a possibilidade de novos desdobramentos ou necessidade de pesquisas futuras frequentemente.

Aprofundando um pouco mais o tema, Simoni e Rickes (2008) também abordam essa complexidade da pesquisa psicanalítica da seguinte forma:

Investigação esta que contém facetas muito interessantes. Primeiro, uma relação peculiar entre teoria e prática. Se, por um lado, é possível – e a história da Psicanálise nos mostra isto – construir uma teoria capaz de aportar operadores que possam guiar o analista no terreno árido da experiência clínica, ou seja, se é possível construir generalizações teóricas; por outro, essas generalizações, quando adentram o terreno da intervenção propriamente dita, necessitam sofrer um processo de suspensão para serem reinventadas, tendo em conta a transferência singular que se atualiza na situação clínica em questão (pp. 3-4).

Dessa maneira, a padronização técnica no campo da clínica acarreta um sério perigo de fazer calar o analisando. Fazendo um paralelo com a pesquisa, podemos pensar no que pode ser perdido pelo silenciamento da espontaneidade pela reprodução de métodos de pesquisa já estabelecidos. Por exemplo, em uma experiência de pesquisa acadêmica, no Laboratório de Psicanálise da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é de extrema importância a reunião semanal, na qual realizamos as leituras das escritas em andamento. Essas escritas são as versões ou *working in progress* das pesquisas. É nesse dispositivo de pesquisa que, muitas vezes, chegam novas referências, comentários críticos e até contrapontos que fazem avançar uma pesquisa. O que será produzido na reunião é imprevisível *a priori*, pois depende dos apontamentos de cada um que se fizer presente. Entretanto, é notável que frequentemente consiste em encontros transformadores para os trabalhos desenvolvidos.

Sendo assim, deriva-se daí a importância dessa abertura para os encontros, que serão elaborados em um momento seguinte, uma vez que, na pesquisa, assim como na clínica, “. . . se já sabemos o que iremos ouvir, a partir dos operadores teóricos que dominamos, deixamos, sim, de escutar o sujeito na absoluta singularidade de seu padecimento e de sua alegria” (Simoni & Rickes, 2008, pp. 3-4).

Um pesquisador que buscasse confirmar uma hipótese construída *a priori* faria uma seleção intencional do que colabora para ou refuta a sua tese, metodologia essa que não estaria de acordo com a importância do inesperado no decorrer de uma pesquisa, em especial, no campo psicanalítico. Nesse sentido, para ser um bom pesquisador, é preciso sustentar os limites do seu saber com certa tranquilidade, portanto, “Tal como os artistas, os cientistas criadores precisam, em determinadas ocasiões, ser capazes de viver em um mundo desordenado – descrevi em outro trabalho essa necessidade como ‘a tensão essencial’ implícita na pesquisa científica” (Kuhn, 2003, p. 109).

Considerações finais

Em *O futuro de uma ilusão*, Freud (1927/2014) nos alerta que seria um equívoco pensar que a ciência é constituída apenas de proposições conclusivas e que o desejo de que assim o seja seria uma forma de substituir uma autoridade do catecismo religioso por uma que seja condizente com o pensamento científico. Mesmo no sentido mais moderado que o empreendimento científico é considerado por ele, retirado do seu pedestal de saber antes ocupado pelas instituições religiosas, o autor faz um elogio dessa prática, pois, apesar de limitações, do saber não todo, de hipóteses que serão revistas e anomalias que escapam ao escopo da possibilidade de explicações, aquilo que falta à ciência também não poderia ser encontrado em outro local. Nas palavras dele: “Não, nossa ciência não é uma ilusão. Seria ilusão, isto sim, acreditar que poderíamos obter de outras fontes aquilo que ela não pode nos dar” (p. 301).

No mesmo ensaio, Freud (1927/2014) afirma que: “Na realidade, a Psicanálise é um método de pesquisa, um instrumento imparcial, como o cálculo infinitesimal, digamos” (p. 275). Nesse trecho, podemos identificar a adesão freudiana a um ideal de ciência, elemento questionável na sua produção, já que nenhum método ou instrumento pode ser imparcial, mas supõe uma determinada forma de ler o mundo.

Justamente a serendipidade poderia ser um antídoto ao instrumento imparcial, pois sempre dependerá da situação e do posicionamento do pesquisador ao acolher algo como uma surpresa durante sua pesquisa. Ou seja, supõe uma mudança no pesquisador, quando este faz um giro discursivo mobilizado por um não-saber.

Além disso, a atitude metodológica de serendipidade requer que o pesquisador exerça uma atividade reflexiva e crítica em sua escolha de técnicas e instrumentos de pesquisa. A serendipidade estaria em consonância com a atenção equiflutuante na escuta clínica, na medida em que não se trata de compreender o conteúdo que é enunciado, mas se deixar levar pela equivocidade sonora ou gestual do que é dito.

Nesse ponto, a pesquisa orientada pela metodologia da serendipidade, alinhada com nossa atenção equiflutuante, nos permite dar continuidade ao empreendimento da Psicanálise no campo teórico e clínico. Ademais, isso ocorre tendo como fundamento uma concepção de ética, ao abandonar a pretensão de um saber ou técnica de aplicação universal. Assim sendo, o que complexifica o debate sobre o fim de uma análise é justamente que não haveria uma “cura” para o inconsciente (Freud, 1937/2018), dado que, seja como algo estruturante (como é para Freud), seja como efeito de linguagem (Lacan), não é possível extingui-lo.

Referências

- Bachrach, A. J. (1975). *Introdução à pesquisa psicológica*. G. P. Witter, Trad. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Barth, S. (2005). *Etimologia Grega: da Hélade à Terra Brasilis: uma viagem*. Rio Grande do Sul: Editora URI.
- Caon, J. L. (1997). Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10, 105-123. Recuperado em 02/12/2025 em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721997000100008>
- D'Agord, M. R. L. (1995). Uma descoberta casual? *Barbarói*, 2(2), 65-73.
- Fachin, O. (2006). *Fundamentos de metodologia* (5ª ed.). São Paulo: Saraiva.
- Freud, S. (2010). *Obras completas: Observações sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber")*: artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913) (vol. 10, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1911).
- Freud, S. (2012). *Obras completas: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. (vol. 11, P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publica em 1914).
- Freud, S. (2014). *Obras completas: Inibição, sintoma e angústia. O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. (vol. 17, P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1927).
- Freud, S. (2015). *Obras completas: o Delírio e os sonhos na gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. (vol. 8, P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1907).
- Freud, S. (2018). *Obras completas: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos*. (vol. 19, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1937).
- Freud, S. (2021). *Obras completas: Psicopatologia da vida cotidiana e Sobre os sonhos*. (vol. 5, P. C. Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1901).
- Gonçalves, A. M. (2009). *Um defeito de cor*. (5ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Record.
- Kuhn, T. S. (2003). *A estrutura das revoluções científicas*. (8ª ed.). B. V. Boeira & Nelson Boeira, Trad. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 7: a ética da Psicanálise*. Zahar. (Obra original publicada em 1986).
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário da Psicanálise* (4ª ed.). P. Tamen, Trad. São Paulo: Martins Fontes.
- Merriam-Webster. (2025). Serendipidade. In *Dicionário Merriam-Webster.com*. Recuperado em 24/08/2025 em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/serendipity>.
- Simoni, A. C. R. & Rickes, S. M. (2008). Do (des)encontro como método. *Currículo sem Fronteiras*, 8(2), 97-113. Recuperado em 23/08/2025 em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2008/vol8/no2/6.pdf>.
- Zanella, A. V. (2013). *Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS.

Research in Psychoanalysis and serendipity: the retrospect

Abstract

This paper seeks to discuss the topic of methodologies in the field of psychoanalytic research, based on the notion that serendipity – a term meaning the phenomenon of finding something valuable and not sought for – can be elevated to a research method. This occurs due to the specific temporality of psychoanalytic work, to which meaning is only attributed at a later date. The importance of temporality in the “just-after” or “retrospect” (in German, “Nachträglichkeit”, and in French, “après-coup”) presupposes the feedback of meaning to an event. Furthermore, the different theorizations of the unconscious require their own epistemology to approach it as an object of research. It is necessary to consider that it is not possible to have a predefined hypothesis, since the unconscious is that which escapes knowledge. Therefore, it can only be considered through its effects, such as slips of the tongue, jokes and symptoms. Our work links serendipity to the important role of chance, as Thomas Kuhn demonstrated in his research on the history of science. Finally, we retrieve the etymology of methodology with the intention of highlighting the journey-like nature that occurs in the construction of knowledge through research practice.

Keywords: Serendipity, Psychoanalysis, Methodology.

Recherche psychanalytique et sérendipité: l'après-coup

Résumé

Cet article vise à aborder la question des méthodologies dans le champ de la recherche psychanalytique, en partant de l'idée que la sérendipité – terme désignant la rencontre avec quelque chose d'inattendu – peut être élevée au rang de méthode de recherche. Cela est dû à la temporalité spécifique du travail psychanalytique, à laquelle on ne donne du sens qu'ultérieurement. La temporalité dans le “après-coup” (en allemand, “Nachträglichkeit”) présuppose le retour de sens à un événement. En plus de cela, les différentes théorisations de l'inconscient requièrent leur propre épistémologie pour l'aborder comme objet de recherche. Il est nécessaire de considérer qu'il est impossible une hypothèse prédéfinie, puisque l'inconscient est un savoir qui échappe à la connaissance. Par conséquent, il ne peut être envisagé qu'à travers ses effets, tels que les lapsus, les mots d'esprit et les symptômes. Notre travail relie la sérendipité au rôle important du hasard, comme l'a démontré Thomas Kuhn dans ses recherches sur l'histoire des sciences. Enfin, nous récupérons l'étymologie de

méthodologie avec l'intention de mettre en évidence la nature du parcours qui se produit dans la construction du savoir à travers la pratique de la recherche.

Mots-clés: Sérendipité, Psychanalyse, Méthodologie.

Investigación psicoanalítica y serendipia: el relance

Resumen

Este trabajo busca debatir el tema de las metodologías en el campo de la investigación en Psicoanálisis a partir de la serendipidad, término que significa el encuentro con algo valioso que no se buscaba y que puede ser elevado a un método de investigación. Esto ocurre debido a la temporalidad específica del trabajo en Psicoanálisis, a la cual solo se le atribuye un sentido en un momento posterior. La importancia de la temporalidad en el *sólo-después* o en el *relance* (en alemán *Nachträglichkeit*, y en francés *après-coup*) supone la retroacción de sentido para un acontecimiento. Asimismo, las diferentes teorizaciones del inconsciente requieren de una epistemología propia para abordarlo como objeto de investigación. Pues es necesario tener en cuenta que no es posible una hipótesis predefinida, dado que el inconsciente es un saber que escapa al conocimiento. De este modo, solamente podrá ser considerado a través de sus efectos, como los lapsus, los chistes y los síntomas. Nuestro trabajo aproxima la serendipidad al papel relevante de los azares, tal como Thomas Kuhn lo mostró en su investigación sobre la historia de las ciencias. Finalmente, rescatamos la etimología de *metodología* con la intención de subrayar el carácter del recorrido que acontece en la construcción de un saber a través de la práctica de investigación.

Palabras clave: Serendipidad, Psicoanálisis, Metodología.

Recebido em: 02/09/2025

Revisado em: 20/09/2025

Aceito em: 21/10/2025